

# O Delfim: uma "obra aberta"

Nelly Novaes Coelho

entativa de recuperação do Fato e do Tempo (através de uma consciência crítica despida de onisciente de quem sabe, interpreta e explica) O Delfim (1) a mais recente publicação de José Carlos Pires, apresenta-se a nos como o ponto mais alta depuração estilística e enriquecimento vivencial, recheado até o momento por uma obra que atinge agora o sétimo volume e várias reedições (2).

Segundo ao relato objetivo de uma ação concreta, o romancista lusitano estrutura a narrativa através das recuperações do personagem-narrador e o Escritor que chega tarde na aldeia da Gafeira a "estação da caça" e ouve notícias desencontradas acerca de uma tragédia que teria ocorrido na "casa da lagoa". Primeira vez o Romancista participa do seu romance, o "narrador" dos fatos, e o próprio romance, O Delfim nasceu das conjecturas do personagem-narrador

em face da realidade circundante e em face de sua consciência crítica, que assim passa a funcionar como um "antinarrador" (aquele que vê de fora, critica e julga o que o "outro" está narrando: atitude que duplica que continuamente põe em dúvida a verdade imediata, apreendida nos fatos.

Toda a efabulação é, portanto, uma longa recuperação pela memória dos momentos em que, um ano antes, o Escritor privara com as personagens da tragédia: o Engenheiro (o Delfim), a esposa e o criado. Esse contínuo recuperar de fatos passados, pequenos nada, pormenores... sobrepõe-se à realidade concreta que no presente circunda o Narrador (— vida da aldeia e os preparativos para a nova estação de caça); e passa a impor-se como realidade maior, absorvendo e abstratizando a atual.

Essa intriga básica, aparentemente rudimentar, tem no entanto uma significativa dimensão alegórica: enquanto

no plano epidermico da narrativa, apresenta-se essa absorção do "presente" pelo "passado" (— o reviver dos fatos transcorridos um ano antes), no plano subjacente: o da problemática essencial do romance, denuncia-se a existência de certo "espaço" histórico, físico, concreto; uma certa esfera humano-social onde a vida decorre como que suspensa no tempo: alicerçada sobre as ruínas da História e alimentando sua necessidade de criação e atuação, com as criações grandiosas de um passado transformado em mito.

Numa dimensão jamais alcançada antes, aprofunda-se neste romance, o processo de criação do personagem-narrador de José Cardoso Pires, em sua vigilância constante para transcender o significado literal e raso do real-objetivo e dar-lhe uma conotação simbólica.

É realmente digna de nota a agudeza com que o romancista selecionou e transfigurou esses elementos. Para concretizar a afirmação regis-

tremos alguns dos mais importantes. Inicialmente as coisas:

1. O nome da aldeia, "Gafeira". Teria sido, por acaso que o Romancista escolheu essa velhíssima denominação da lepra, a terrível doença epidêmica da Idade Média, e que era vista como castigo do céu? Ou estaria com isso denunciando o estado de deterioração de certo ambiente?...

2. A "Monografia" do abade Saraiva: não seria o passado histórico-mítico, as tradições (em cuja transmissão a igreja exerceu tão grande papel...) a pesarem sobre o comportamento dos homens de hoje? Parece-nos evidente...

3. O "caderno de apontamentos", onde o Escritor anotava suas relações com o imediato vivido (— apreensão do presente imediato, cotidiano, falho de ação concreta, onde o "boato" substitui o "fato" e onde imperam os valores cauducos que regem certa comunidade).

4. A "muralha" do largo, "com sua lenda e seu orgu-

mo" (= valor indestrutível da tradição, resistindo ao desgaste dos tempos e das mutações dos costumes).

5. A "lagartixa, estilhaço sensível e vivaz debaixo da pele que se apresenta" (= "temperamento amesquinhado" de um povo resignado, cuja energia criadora permanece latente sob uma aparente apatia).

6. O "Jaguar" (= a ânsia de velocidade, inconsciente e um objetivo que aguilhoa o homem contemporâneo e, ao mesmo tempo, símbolo de fuga ao tempo e da autoridade privilegiado).

7. Os "mastins" (= servos do Delfim, objeto de posse cotizado no mesmo nível do Domingos e do Jaguar).

8. A "estação de caça" (= a renovação cíclica da vida que se alimenta da morte).

9. A "janela" da pensão (= símbolo da atitude estática de quem não podendo agir, limita-se a contemplar).

10. A "lagoa" (= a energia poderosa e invencível da vida).

Atente-se ainda para o elemento humano:

1. O Escritor (= consciência crítica que analisa os acontecimentos, despojada de uma interpretação "a priori", desconfiando da verdade aparente, imediata, pondo em xeque a interpretação convencional do mundo).

2. O Engenheiro (= o Delfim: tipo remanescente do sistema medieval, apresentando desmesurado orgulho de casta e sentido de autoridade; sentido de superioridade frente aos inferiores, contraposto a um sentimental "paternalismo", sensualidade desregrada com as mulheres alheias, contraposta a uma sujeição irracional aos tabus morais que o refreiam em fase da esposa legítima; temperamento oscilante entre os extremos, etc. (3).

3. Maria das Mercês (= a mulher moderna, encurralada entre dois comportamentos: o da sujeição e inibição tradicionais e o da libertação conquistada, mas ainda mal definida e frustradora).

4. Domingos (= o servo, tal qual os mastins e o Jaguar; o desvalido escolhido pelo "paternalismo" do Delfim).

5. O "Velho vendedor de bilhetes", o "dente excomulgador" (= o elemento rebelde ao status estabelecido, o divulgador do "boato", o fomentador de sonhos, denúncias e revoltas).

6. A "Dona da Pensão", laboriosa "formiga mestra" (= a paciente, generosa e resignada aceitação do status imperante).

7. Os "caçadores" (= símbolo da lei da condição humana: a luta pela vida se realiza através da morte).

Não há dúvida de que os elementos que aqui compõem a "matéria" romanesca foram selecionados pela mesma visão realista-dialética que caracteriza toda a obra anterior de Cardoso Pires. Aqui estão presentes todos os elementos antinômicos, familiares ao seu mundo de ficção. Porém agora é como se o romancista fizesse incidir novo foco de luz

naquelas mesmas realidades e vislumbrasse, de repente, algo evidente e essencial que até então fôra visto por outro ângulo.

Algo de básico mudou no universo ficcional de J. C. P., com o novo enfoque de "O Delfim". Desde as primeiras páginas, ainda que de maneira confusa e imprecisa, já vamos sentindo que uma nova "abertura" ali se mostra...

uma "abertura" que não se liga apenas à inovação estilística que se nos impõe desde o início (= a entrada do próprio romancista no romance, defrontando-se com a realidade enfocada e com sua própria consciência crítica). É talvez um tom mais leve, quase displacente, uma certa ironia melancólica e ao mesmo tempo uma atmosfera mais aberta, um ritmo mais calmo... que afinal não se justificam pelo teor da ação narrativa, toda ela apoiada no "suspense" de intriga policial, com que o romancista mantém alerta a curiosidade do leitor.

(Continua)